

## Acesso à internet durante os exames

**P**  
Público

ÚLTIMA HORA

Medida piloto

### Estudantes dinamarqueses poderão ter acesso à Internet durante exames

11.05.2009 - 14h46

O Ministério da Educação dinamarquês vai testar a utilização da Internet durante exames em algumas escolas do ensino secundário.

A medida baseia-se na ideia de que os alunos não deveriam ser privados de uma ferramenta tão usada nos seus estudos como um computador, até porque outros aparelhos como calculadoras já são permitidos actualmente.

"É um bom meio para pesquisar dados históricos ou artigos que podem ser úteis num exame escrito" disse a semana passada Soren Vagner, um consultor do Ministério da Educação dinamarquês ao jornal MetroXpress.

O consultor deixou claro, no entanto, que os examinadores iriam estar atentos a plágios ou a conversas online com terceiros durante os exames. Os examinadores irão conduzir inspecções aleatórias ao historial de busca dos computadores dos alunos e vão confirmar se as respostas foram copiadas literalmente de outra fonte.

Os alunos parecem satisfeitos com a iniciativa: "É uma boa medida, já que os exames devem reflectir a realidade" disse Mina Bernardini, presidente da Associação das Escolas Secundárias Dinamarquesas ao jornal Politiken. "Quando fazemos trabalhos ou relatórios para a escola também usamos a Internet" acrescenta.

Segundo o mesmo jornal, a medida será testada no Outono, em exames fictícios. Se a iniciativa for bem sucedida, será colocada em prática de forma oficial em 2011.

O Ministério da Educação dinamarquês vai testar a utilização da Internet durante exames em algumas escolas do ensino secundário.

A medida baseia-se na ideia de que os alunos não deveriam ser privados de uma ferramenta tão usada nos seus estudos como um computador, até porque outros aparelhos como calculadoras já são permitidos actualmente.

In Público, 11 de Maio de 2009

De acordo com o jornal *Público* de 11 de Maio de 2009, está a ser ponderada a possibilidade de os alunos poderem, a partir de 2011, passar a aceder à internet durante a realização de exames do ensino secundário. Isso mesmo! A ideia é que os alunos possam fazer livremente as pesquisas que entenderem. E não, não se trata de uma proposta do nosso Ministério da Educação, mas do dinamarquês.

Que razões podem fundamentar a intenção de avançar com esta medida é uma das grandes questões que surge de imediato. Pretende-se disponibilizar aos alunos um meio para encontrar alguém que possa realizar o exame por eles? Ou que de alguma forma encontrem as respostas na internet e as copiem para a sua prova? É óbvio que não! Ainda assim, é igualmente óbvio que estas são questões que o acesso à internet nestes momentos suscita e a que os proponentes desta ideia não estão alheios. Por isso mesmo preten-

dem realizar em Outubro uma espécie de teste à iniciativa, utilizando exames fictícios e recorrendo a inspecções aleatórias ao historial de busca dos computadores usados pelos alunos, para detectar conversas online e respostas integralmente copiadas da internet. Mas que implicações teria uma medida destas, é algo que seria interessante ponderar, tanto ao nível do exame propriamente dito, como ao nível do processo de ensino. Será que as questões do exame continuariam a ser do mesmo tipo? Será que a abordagem de certos conteúdos de uma determinada maneira deixaria de fazer sentido? E que implicações teríamos ao nível do tipo de trabalho em que os alunos se envolveriam nas aulas?

O consultor do Ministério da Educação dinamarquês, Soren Vagner, ao defender a iniciativa afirmou que a internet «é um bom meio para pesquisar dados (...) úteis num exame escrito», referin-

do-se ainda à intenção de aproximar as características do trabalho que é realizado no exame às do trabalho que é realizado no decorrer do processo de ensino e aprendizagem. Está assim implícita uma valorização de conhecimentos relativos a procurar e seleccionar informação, articulando-a depois de forma consistente e apresentando-a sob a forma de resposta à questão formulada. Esta valorização propicia o surgir de umas quantas questões, nomeadamente as que se relacionam com a adequação do tipo de trabalho preconizado a uma prova escrita de tempo tão limitado. Será que faria sentido considerar outras alternativas? Poder-se-ia considerar, por exemplo, a inclusão de uma discussão oral do trabalho realizado, onde o aluno fundamentaria as suas opções e opiniões?

Helena Rocha  
Manuela Pires